

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concentrado em sua essência, um mundo delicado só se revela quando os nossos sentidos estão aptos para o descobrirem. O silêncio nos oferece sua múltipla companhia, generosa e invisível.

Cecília Meireles

Chego ao fim desta etapa compartilhando os caminhos percorridos, os fios que ao longo da pesquisa se entrelaçaram, um mundo que se revelou a partir de vozes e silêncios, olhares e piscadelas, gestos e suspensões. Conceitos, hipóteses e premissas que, se colocando à disposição de um olhar investigador apontaram possibilidades de respostas — não únicas, nem decisivas, mas parciais, reveladoras de determinados pontos de vista. Neste sentido, o campo antropológico revelou um precioso leque de contribuições uma vez que, evidenciando a necessidade do rigor metodológico que deve acompanhar uma investigação qualitativa desmitificou a busca por uma verdade absoluta e neutra.

Ao fazer uma retrospectiva do processo desta pesquisa, percebo o quanto instigante se tornou realizar uma investigação na Rede de Ensino da qual faço parte. Construir o papel de pesquisadora numa escola cujo olhar sobre mim foi concebido em outras bases representou um desafio muitas vezes árduo e desencorajador. Por outro lado, trazer à tona a prática das professoras pesquisadas e o cotidiano da escola Beta, tendo como fio condutor o olhar dos sujeitos investigados constituiu-se num vigoroso processo de aprendizagem. Foi preciso dialogar com os autores que ao longo do trabalho subsidiavam as impressões, os achados, a fim de retratar o dia-a-dia da escola em todas as suas peculiaridades. A oposição e a reflexão de conceitos como familiaridade versus estranhamento, etnocentrismo versus alteridade, determinismo versus relatividade fizeram parte de toda caminhada e possibilitaram um aprendizado que, não se restringindo ao campo de pesquisa, incorporou-se a outros conhecimentos anteriormente adquiridos, reeditando a mim mesma e ao cotidiano.

A revisão de literatura dos termos alfabetização e letramento e de alguns dos inúmeros aspectos que os envolvem possibilitou um aprofundamento das questões

enfrentadas no cotidiano da escola. Um dos objetivos era averiguar como certas hipóteses levantadas sobre o desenvolvimento de tais conceitos, especialmente estudados e postulados pela autora Magda Soares, vêm se delineando no dia-a-dia da escola pública. Uma delas se refere à dispersão do investimento no ensino da tecnologia da escrita. Essa dissolução estaria vinculada, segundo a autora, a determinados acontecimentos na área da educação, nos últimos anos, como a implantação dos sistemas de ciclos. Parece que, ao apontar essa preocupação, Soares busca evidenciar os altos índices de fracasso escolar nas séries iniciais do processo de escolarização e como tais aspectos estaria fortalecendo essa situação.

A investigação, ora realizada, revelou muitos fatores que merecem ser considerados no desenvolvimento do trabalho da leitura e da escrita. O sistema em que as escolas estão inseridas é apenas um deles. Neste estudo de caso, vimos e ouvimos que as práticas pedagógicas são desenvolvidas de acordo com as histórias de vida das professoras, suas crenças, seus valores, sua formação leitora, suas experiências de estudo, seja no processo de formação inicial, seja durante a trajetória em serviço.

Nessa perspectiva, o sistema de ciclos, pela sua flexibilidade e possibilidades de reorganização do tempo escolar, parece fortalecer concepções e práticas que vêm sendo construídas ao longo dos anos e que, não abandonando toda uma trajetória de vida, vão sendo ressignificadas e ganhando novos contornos. A contradição que permeia toda a Proposta Pedagógica desta Rede de Ensino, de certa forma, indica uma possibilidade, ainda que confusa e por vezes ambivalente, de convivência de diferentes concepções, confirmando o pressuposto defendido por Kramer, de que *“a mudança se dá pela coexistência de posições teórico-práticas diversas que se encontra, se chocam dialogam e não por uma evolução linear e autoritária em que, por decreto, o velho seria dispensado e o novo adotado”* (2003b: 12).

Assim, o investimento no ensino da tecnologia da escrita se explicita ainda como um forte viés no início da escolarização, porém já não se apresenta de modo tão mecanicista. O ensino da escrita e da leitura busca significado e permite, na maior parte das vezes, a interação. O desenvolvimento de práticas de leitura e escrita, por parte da Escola Beta, demonstra o reconhecimento das exigências sociais acerca da ampliação do conceito de alfabetização e busca propiciar aos alunos mais do que aprendizado de um sistema lingüístico. Tais caminhos

encontram na literatura uma possibilidade concreta de viabilização. Observo essa materialização no investimento que as professoras fazem na leitura de histórias e poesias, no pequeno acervo que é encontrado em cada sala de aula, nos projetos desenvolvidos etc. Delineia-se, assim, um trabalho que não se restringe ao ensino da tecnologia da escrita, possibilitando o uso deste código em práticas que envolvem a língua escrita dentro e fora da escola.

O conceito de letramento ganha maior ênfase no desenvolvimento de habilidades pessoais, uma vez que é compreendido de forma mais contundente, segundo uma ótica individual. Ao distinguir as peculiaridades existentes no ato de ler e de escrever, as professoras realizam atividades que, no seu desenrolar fortalecem ora a formação do leitor, ora a formação do escritor. Entretanto, percebo também que algumas dessas situações de leitura acabam por retomar um modelo tecnicista, diminuindo as chances de contribuição da escola para que os indivíduos, ao se apropriarem da leitura e da escrita, tenham possibilidade, como aponta Soares (2002), de alterar seu estado ou condição no que diz respeito a aspectos sociais, culturais, psíquicos, políticos, cognitivos, lingüísticos, e mesmo econômicos.

O letramento, também compreendido como um fenômeno cultural relativo a certas atividades sociais que requerem o uso da escrita e da leitura apresenta-se numa outra dimensão: a social. Considerando as perspectivas envolvidas em tal dimensão, o termo pode ser interpretado segundo duas óticas: a progressista ou revolucionária. Foi observado, contudo que, na maior parte das vezes, as professoras propõem atividades que não vão além da dimensão individual do letramento. O trabalho estaria marcado pela precária reflexão crítica, deixando assim, uma lacuna no desenvolvimento de práticas que possibilitassem o questionamento do contexto social em que são vivenciadas. Tal característica se oporia apenas pelo investimento feito especialmente pela professora Marisa na leitura de jornais, uma vez que, pelo próprio gênero, o texto convida à leitura da realidade. A ausência de interlocutores parece ser um dos fatores que enfraqueceria, ou pelo menos, retardaria mudanças na prática pedagógica dos professores.

Muitos outros seriam os aspectos a serem destacados, porém é preciso considerar o contexto que a pesquisa se insere e o limite de tempo que delimita as chances de aprofundamento de um trabalho de Mestrado. Dessa forma, cabe

evidenciar a necessidade de investigações futuras que se debrucem especialmente sobre a prática pedagógica do professor de sala de leitura, o papel do Supervisor Educacional, a gestão democrática, dentre outras questões.

Este trabalho termina sem a pretensão de apontar verdades absolutas. As contribuições da Antropologia possibilitaram ler o cotidiano escolar de forma que o ponto de vista dos sujeitos investigados ganhassem evidência e interlocução com meu próprio ponto de vista. Do mesmo modo o diálogo com Soares, Smolka, Kramer, Paulo Freire e outros autores propiciou aprofundamento de determinados aspectos que envolvem os conceitos de alfabetização e letramento. Buscando compreender os caminhos percorridos pelas professoras investigadas, esta pesquisa pretendeu tensionar tais conceitos, invocando as discussões que têm se delineado no campo teórico para o cotidiano da escola.

Sua finalização não significa acabamentos ou certezas. É preciso continuar atenta às vozes que sussurram, diariamente, novas perguntas. Essas trazem possibilidades de entrever outros caminhos, encontrar outras respostas, compreender os sujeitos na sua singularidade.